

Para banqueiro, o ideal seria 9 anos

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

"Não existe na história dos bancos americanos um reescalamento de dívidas nos patamares que o Brasil quer (16 anos com sete de carência). Por isso, o prazo mais viável para os bancos credores é nove anos com seis de carência." Esta foi a reação, ontem, do vice-presidente do Banco de Boston, Frank Aldrich, ao falar das negociações, nas quais o Brasil já teria conseguido novos prazos para pagar sua dívida.

Frank Aldrich, que participou do almoço promovido pelo Banco Central para os participantes da VIII Reunião Plenária do Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos, disse que até setembro o acordo poderá estar fechado, inclusive com novos índices de **spread** (taxa de risco), abaixo dos atuais 2% ao ano acima da Libor (taxa de juro do euromercado). As novas taxas serão de 1,25% para a dívida do setor privado e 1,125 para a dívida do setor público.

Apesar da preocupação com o

pedido do Brasil de um prazo de 16 anos para pagar parte de sua dívida, o vice-presidente do Banco de Boston disse que não resta outra solução aos bancos credores senão auxiliar os brasileiros. E indagou: "Se o Brasil não prosperar, o que será de toda a América Latina?" A maioria dos bancos — acrescentou — tem interesses comerciais no Brasil. O Banco de Boston, por exemplo, tem aplicados, no País, US\$ 300 milhões, e está procurando entrar em entendimentos com algum banco de investimento nacional para se associar, a fim de aumentar sua participação no Brasil.

Quanto à questão de dinheiro novo para o Brasil, com financiamento dos bancos credores, o vice-presidente do Banco de Boston disse que provavelmente no próximo ano o governo brasileiro iniciará seus contatos nesse sentido. Mas, explicou, "o assunto tem de ser muito bem estudado, porque nós também temos os nossos problemas, já que emprestamos pensando em receber logo, e até agora não recebemos. Temos que pensar duas vezes".